

1. Os desenvolvimentos renascentistas

2. Luís de Camões

Épica: *Os Lusíadas*¹

Antecedentes

No século XVI Portugal era uma importante **potência económica**, mas **não cultural**, razão pela que havia **necessidade** de uma grande **obra épica**, necessidade que já se denuncia em o prólogo de o *Cancioneiro Geral* de **Garcia de Resende**. Haveria tentativas posteriores a esta obra e anteriores a *Os Lusíadas*, como a de **António Ferreira** com *Castro*.

Características

- a) Tem como **pretexto** narrar as **descobertas portuguesas** em geral, e a viagem de **Vasco da Gama** de **Lisboa** a **Calecut** em concreto.
- b) Mais fundamente narra toda a **Historia de Portugal** até o século XVI.

Episódios mais representativos

- A) **Inês de Castro**: coroada rainha depois de morta.
- B) **Velho do Restelo**: o Restelo é o porto de Lisboa, desde o que partem as expedições portuguesas. Quando Camões narra a partida à Índia apresenta a figura do Velho do Restelo:
 - Um **ancião** com experiência que, em estilo directo, **ataca** as expedições e as **descobertas portuguesas**.
 - Com este episódio Camões amostra-nos a **dupla cara** das **descobertas**: o sucesso **político** e **económico** frente à perda de vidas, as desapareições (**humana**)...
 - Para alguns estudiosos isto é realmente um **elogio**, já que os portugueses, apesar das dificuldades, seguem a descobrir terras (visão imperialista).
- C) **Adamastor**: Adamastor é um **gigante** com o que se topa **Vasco da Gama** quando passa pelo **Cabo da Boa Esperança**². Adamastor é um monstro visto desde **duas perspectivas**:
 - **Épica**: é uma **personificação** do **Cabo** que pretende **assustar** aos portugueses e lhes **prognostica** grandes **desgraças** por atreverem-se a cruza-lo.
 - **Lírica**: Adamastor também tem um **coração**, já que está **namorado** de **Tetis** (deusa das águas). O gigante **intenta abraça-la** mas não o consegue, e fica com a **forma** de um **cabo**. Por isso, é um ser que sofre pelo amor não correspondido.
- D) **Ilha dos Amores** (no episódio nono, o penúltimo de *Os Lusíadas*): ilha imaginária (pode que Camões se baseie em alguma ilha real) situada pelo autor na viagem de volta desde Calecut, perto desta cidade. Nesta ilha, dirigida por **Vénus**, os portugueses mantêm **relações sexuais** com **ninfas**, o qual:
 - É uma **recompensa** pela sua coragem e valentia.
 - **Glorifica** aos **portugueses**, já que se misturam com seres superiores, quase divinos como são as ninfas.

¹ *Os Lusíadas* é a única obra que Camões publica em vida, o resto da sua obra seria publicada depois da sua morte em diversas antologias.

² Chamado Cabo das Tormentas ou Cabo Tormenteiro, já que ninguém era quem de o atravessar, até que Bartolomeu Dias o faz e o cabo troca o seu nome.

Lírica

Características gerais

- A) **Mimese ou imitação**: é considerada uma atitude muito **positiva** na época, quando se imita a **cultura greco-latina**, o que supõe que se **conhece** muito bem os grandes autores greco-latinos. Camões imita, em especial, a **Petrarca**³, as suas *rime*.
- B) **Descrição da mulher** (*descriptio puellae*): a mulher é o **principal objecto** cantado nas composições renascentistas. Camões descreve uma mulher que lembra à **Laura** de Petrarca, uma mulher com **características especiais**:
- Representa a **Beleza**.
 - Perante ela sente-se um **amor platónico**, já que é um ser **superior, intangível**, que o homem não pode alcançar.
 - Descreve-se sempre com os **mesmos traços** e com as **mesmas metáforas**, já que é a mulher em geral, um conceito. É uma mulher que responde ao **cânone renascentista** (cabelos loiros, pele branca, olhos azuis...)
- C) **Temas**:
- **AMOR**: sente-se amor perante a mulher, essa mulher idealizada. É um amor que produz **tensão** em quem ama entre o **desejo** e a **razão**, já que leva à frustração.
 - **DESTINO** (ventura, fado, fortuna⁴): a voz lírica sente-se perseguida **negativamente** pelos astros, mas também admite os seus erros humanos. É dizer, acredita no **destino**, mas também nas **acções humanas**.
 - **Outros** temas que ocupam uma menor extensão acabam, geralmente, ligados aos dois anteriores.

Obras

- A) **MEDIDA VELHA**⁵: **REDONDILHA** é uma composição que provem da **lírica castelhana do século XV** e que tem um grande sucesso. Não é uma composição erudita, senão **popular**, está ligada ao folclore. O registo que se usa é **coloquial** e a **temática** é mais **livre**. Em consonância com isto, o **verso** é **curto**, de sete sílabas⁶. Há redondilhas de dois tipos:
- **CANTIGAS**⁷: têm duas partes:
 - ☛ **Mote**: pequena estrofe que **encabeça** o texto e que pode ser do próprio **autor, doutro autor** ou **popular**.
 - ☛ **Glosa**: **desenvolvimento** da mote. Exemplo₁:

Exemplo ₁ : “Perdigão perdeu a pena,”	
Jogos de palavras	Camões joga em muitas ocasiões com o significado e o significante das palavras. Um caso destacado é o da palavra pena , palavra polissémica (<i>cobertura das aves, instrumento para escrever, tristeza, pedra, condena</i>).
Temática	Amor.

³ Em muitas ocasiões Camões só traduz os versos de Petrarca para o português, mesmo chega a incluir versos em italiano.

⁴ A palavra fortuna não tem em português um matiz positivo, significa simplesmente destino, mas é usada muitas vezes com conotações negativas.

⁵ Na métrica portuguesa com medida velha faz-se referência a moldes poéticos coma a redondilha que, na Renascença, já era velho. É equivalente ao que a métrica espanhola chama *versos de arte menor*.

⁶ No sistema métrico português, ao igual que no francês, só se conta até a última sílaba tónica, pelo que se conta uma sílaba menos que no espanhol e no italiano. Há também redondilhas com versos de sete e cinco sílabas, são as redondilhas de pé quebrado.

⁷ Desde o século XVI com cantiga só se denomina às composições com mote e glosa.

Interpretações da crítica	a) Leitura biográfica: Camões sentir-se-ia apaixonado pela infanta dona Maria, irmã do rei.
	b) Leitura moral: não se pode subir muito alto já que a caída será muito mais dolorosa.

Exemplo ₁ : “Descalça vai pera a fonte”	
Temática	Amor.
Descriptio puellae	Há uma descrição da mulher em dois sentidos: a) Física , muito vistosa, mas seguindo os cânones (pele branca...) b) Psíquica (“ <i>vai fermosa, e não segura</i> ”): a rapariga é livre de receber o amor e não está protegida contra a paixão.
Interpretações da crítica	É a primeira parte duma trilogia : 1) A rapariga é livre de receber o amor e está desprotegida contra a paixão e o amor (“ <i>Descalça vai pera a fonte</i> ”). 2) Estado amoroso que domina tudo e passa por cima das leis humanas (“ <i>Descalça vai pola neve</i> ”). 3) Desilusão , decepção do amor, um amor inevitável , mas que sempre faz sofrer (“ <i>Na fonte está Lianor</i> ”).

- **TROVAS:** composições em **redondilhas sem mote** nem **glosa**.

Exemplo ₁ : “Aquele cativa,”	
Jogos de palavras	- <i>cativa</i> (escrava -social-)/ <i>cativo</i> (preso -sentimental, psicológico-) - <i>vivo</i> (sustenho-me)/ <i>viva</i> (sobrevive) - <i>senhora</i> (sentimentalmente)/ <i>cativa</i> (socialmente) - <i>pretidão</i> : raça/ tristeza de amor - <i>bárbora/estranha</i> → é estranha, mas não incivilizada.
Temática	Amor.
Descriptio puellae	Descrição hiperbólica que supõe uma exceção , já que a mulher é preta e isso rivaliza com o branco. Isto permite-se nas redondilhas pela sua liberdade temática, mas não poderia ocorrer num soneto.
Interpretações da crítica biografista	A rapariga seria um amor de Camões na Índia.

Exemplo ₂ : “Sôbolos rios que vão”	
Temática	Moral, didáctica, religiosa .
Ponto de inspiração	Camões inspira-se no salmo 136 da Bíblia, no que se narra a tristeza do povo judeu ao ter que se exilar de Sião (Jerusalém) a uma terra alheia, Babilónia. A voz lírica participa da saudade da terra mãe .
Interpretação da crítica biografista	Segundo a crítica biografista Camões sente-se fora de lugar, esquecido , exilado, pelo que é incapaz de “ <i>fazer um doce canto</i> ”. Diz a crítica biografista que Camões escreve estas redondilhas no final da sua vida , quando não se sente valorado pelo povo português e seriam, ademais, uma despedida da literatura (“ <i>pena cansada</i> ”).
Notas metaliterarias	Nestas redondilhas Camões faz referência à sua obra, algo muito frequente neste autor.
Exposição da filosofia platónica	Platão é um dos filósofos dos que mais lança mão Camões. Neste caso expõe a separação da carne e o espírito.

B) **MEDIDA NOVA**⁸:■ **SONETOS:**

Exemplo ₁ : “Enquanto quis Fortuna que tivesse”	
Soneto prólogo	<p>É um soneto no que Camões apresenta a sua literatura (atitude, temática, estado de ânimo) e se dirige ao leitor (“quando lerdas”):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Busca a captatio benevolentiae: “num breve livro” (breve = modesto). - Diz-lhe ao leitor que segundo o seu estado de ânimo entenderá os versos duma ou doutra maneira.
Temas	<p>Destino (“Fortuna”, v.1) e Amor (palavra <i>Amor</i> no 2º quarteto e no 1º terceto).</p> <p>Camões diz que quando o destino lhe permitiu esperança escreve do amor, mas chega um momento no que já não é quem de ocultar as desgraças do amor.</p>
Exemplo ₂ : “Amor é um fogo que arde sem se ver,”	
Tema	Amor, um amor que é fonte de tensões na alma do indivíduo enamorado ⁹ .
Poema unitário e contraditório	<ul style="list-style-type: none"> - Contraditório: antíteses - Unitário: paralelismos, ademais a palavra <i>Amor</i> inicia e termina o texto. <p>Camões apresenta o amor como algo impossível de explicar, algo cheio de contradições mas que consegue unir.</p>
Exemplo ₃ : “Pede o desejo, Dama, que vos veja:”	
Tema	Contradição que produz o amor entre o desejo (instintos) e a razão (sublime, perfeição). Pede-se-lhe desculpas à dama por desejar-la, mais justifica-se esse desejo, já que é muito difícil não seguir os instintos humanos.
Estilo	Erudito e culto, como em todos os sonetos. Assim, nomeia-se uma lei da física, a lei da gravidade (terça estrofe).
Exemplo ₄ : “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,”	
Tema	<ul style="list-style-type: none"> - Visão ampla: do destino. - Visão concreta: passagem do tempo, constantes mudanças.
Tempus fugit	<ul style="list-style-type: none"> - Camões alude muito frequentemente à passagem do tempo da que todos e tudo são vítimas (no primeiro terceto faz-se referência ao passo do tempo na natureza aludindo às estações). Para referir-se a isto usa a palavra mudança muito frequentemente¹⁰. - É um motivo que se da em toda a literatura, mas especialmente na da Renascença.
Pessimismo	Segue uma linha in crescendo , já que no último verso refere-se da morte.
Exemplo ₅ : “Alma minha gentil, que te partiste”	
Elegia	É uma composição à morte duma pessoa amada e jovem que morrera de forma inesperada.

⁸ Na métrica portuguesa medida nova (*dolce stil nuovo* em italiano) faz referência a novos moldes poéticos como o soneto, a égloga (ou écloga) ou a canção. Caracterizam-se por serem mais cultos e usarem versos mais longos (versos de arte maior na métrica espanhola). O introdutor da medida nova em Portugal foi **FRANCISCO SÁ DE MIRANDA**, quem viaja a Itália com uma beca concedida pelo rei e, ao seu regresso, conhece em Espanha a Garcilaso ou Juan Boscán. A medida nova entra em Portugal através da literatura espanhola.

⁹ Lembremos a diferença entre *enamorado*, é dizer, aquele que está apaixonado por outra pessoa, e *namorado*, aquela pessoa com a que se tem uma relação sentimental ou há cumplicidade (diferente de *noivo*, que seria já uma relação oficial).

¹⁰ Também é frequente em Camões a palavra *saudade*.

Filosofia platónica e tradição cristã	Expõe-se a separação entre alma e corpo e também entre Céu e terra (lá e cá). A voz lírica quer ir para o céu com a sua amada.
Tema	Amor
Interpretações da crítica biografista:	A crítica biografista interpreta que este soneto e alguns outros, que incluem no ciclo ou série de Dinamene , estão feitos pela morte num naufrágio numa moça chinesa com a que Camões teria amores. Camões chama-lhe Dinamene já que este é o nome duma ninfa .
	Há uma versão deste soneto feita por Noriega Varela, uma versão muito próxima.

Exemplo₆: “Ai, minha Dinamene, assim deixaste”

Crítica biografista	Há uma referência explícita a um naufrágio e a Dinamene no que supostamente morre a moça chinesa, o que alimenta a teoria de que Camões teve uma vida muito desgraçada .
Tema	Destino e amor.
Léxico	Disfórico , frequente neste tipo de textos (magoa, triste, morte, negro manto...)

Exemplo₇: “O dia em que eu naci moura e pereça”

Soneto apocalíptico	<ul style="list-style-type: none"> - Tom trágico e hiperbólico (o dia que nasceu deve ser borrado do calendário por ser muito horroroso). - Imagens de fatalidade e referências implícitas ao livro da <i>Apocalipse</i> (“mostre o mundo sinal de se acabar”).
Interpretação da crítica biografista	Vida desgraçada de Camões.

Exemplo₈: “Erros meus, má fortuna, amor ardente”

Temas	<ul style="list-style-type: none"> - Destino, que influencia na vida relativamente, já que os erros humanos também são responsáveis da vida desgraçada. Há também uma necessidade de vingança por essa vida trágica. - Amor.
Interpretação da crítica biografista	Vida desgraçada de Camões.
Léxico	Disfórico (perdição, mágoa...)

Exemplo₉: “Dizei, Senhora, da Beleza ideia:”

Temática	Amor: <i>descriptio puellae</i> (mulher tímida e soberba à vez, intangível, inacessível).
Metáforas	São sempre as mesmas : “aurio crino”, “ouro fino”; “perlas preciosas orientais”...
Referências eruditas	<ul style="list-style-type: none"> - Luz febeia: referência a Febo, deus do sol. - Medeia: referência a uma feiticeira greco-latina. - Narciso: referência erudita depois da <i>descriptio puellae</i>, para que a mulher não se apaixone de si mesma.

Exemplo₁₀: “Um mover d’olhos brando e piadoso,”

Temática	Amor: <i>descriptio puellae</i> como no soneto anterior, mas neste caso a mulher está rodeada duma auréola de mistério e calma. É uma mulher atrevida e tímida (contradições).
Estrutura	Paralelismos que contribuem à descrição , não há movimento nem verbos (os que há estão substantivados ou são copulativos).
Referências eruditas	Circe : referência mitológica, Circe é uma feiticeira.

Exemplo₁: “A fermosura desta fresca serra”

Presença da natureza	<ul style="list-style-type: none"> - É frequente na lírica camoniana e na renascentista em geral. - Serve de comparação com os sentimentos do amante em dois sentidos: <ul style="list-style-type: none"> → Espelho: se o amante está triste a natureza também. → Contraste: o amante está triste e a natureza amostra-se contente, verde. Isto magoa ainda mais ao amado e é o que ocorre neste soneto (“nas mores alegrias, mor tristeza.”).
-----------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

- **CANÇÕES**: só conservamos **dez canções** camonianas (sonetos e redondilhas há centos). As **características** da canção são:
 - a) É tipicamente **renascentista**, um género novo trazido da **Itália**.
 - b) Introduce **notas metaliterárias**.
 - c) Formalmente caracteriza-se por ter um **envio**, uma pequena **estrofe** na que o **poeta se dirige à canção** que acaba de escrever.

Exemplo₁: “Canção X”

Temas	Amor e destino.
Referências metaliterárias	O poeta dirige-se a um secretário (no sentido etimológico, o que guarda os segredos), esse secretário é o papel , “papel com que a pena ¹¹ se desafoga”.
Referências eruditas	“um Minino sem olhos me ferisse”: referência a Cupido .

Outros aspectos a ter em conta de Camões

- A) Camões também escreve **teatro**, deixou-nos três obras de temática **mitológica**. É a sua **faceta menos conhecida**.
- B) Conservam-se também algumas **cartas**, especialmente da sua estadia na **Índia**.
- C) **Em vida** só deixa **publicado** um livro, *Os Lusíadas*, ele nunca veria publicada a sua **obra lírica**, mas:
 - Tinha **preparado** um **volume** para publicar a sua obra lírica, mas parece que lhe foi **roubado**. O seu título seria *Parnaso Lusitano*, mas nada nos consta fielmente deste volume.
 - A primeira publicação da sua obra lírica seria *Rimas* (imitação da obra lírica de Petrarca: *Rime*). *Rimas* tem muitos **problemas de edição**, já que não é doado saber com certeza quais são as composições de **autoria** camoniana e quais não (tem-se-lhe atribuído composições datadas antes do seu nascimento). Na actualidade não há **nenhuma edição aceiteada** por **todos** os estudiosos.
- D) Camões pratica o **bilinguismo**, escreve um número considerável de textos em **castelhano**. Isto é uma **moda literária** na época (já o pratica Gil Vicente, Garcia de Resende no seu *Cancioneiro Geral* ou Francisco Sá de Miranda). Mas há uma **excepção**: **António Ferreira**, quem não o pratica e, ademais, o critica severamente (acredita que o artista tem de servir a sua pátria). Mais tarde, no século XVIII (Barroco) o bilinguismo impõe-se com força (ademais Portugal ficará unido à Coroa espanhola).

* A professora fez uma proposta de comentário exame consistente em pôr em diálogo dois textos, por exemplo “Enquanto quis Fortuna que tivesse” e “Sôbolos rios que vão”: nos dois há notas metaliterárias, fazem referência ao amor e ao destino... É conveniente falar também da basta cultura e erudição de Camões.

¹¹ Usa a palavra pena em dois sentidos: tristura e instrumento para escrever.

1. Vida

- 1) **Data e lugar de nascimento:** crê-se que nasce em **1524 / 1525**, mas não há documentos que o acreditem. Tampouco se sabe qual foi o seu lugar de nascimento, há **hipóteses** que assinalam **Lisboa** e outras que mesmo defendem a sua **origem galega** (Filgueira Valverde relaciona o apelido Camões com o topónimo pontevedrés Camos). Morre o 10 de Junho de 1580.
- 2) **Formação:** **não se sabe** onde adquire a sua formação, mas crê-se que estuda filosofia e literatura na **Universidade de Coimbra** sob a protecção dum tio que era Padre (D. Bento).
- 3) **Procedência social:** tudo parece indicar que pertencia à **pequena nobreza**, que naquela altura vivia numas **condições económicas** bastante **adversas**. Camões mostrou sempre o seu inconformismo com esta situação, razão pela que um dos seus biógrafos diz que era *demasiado pobre para viver como fidalgo e demasiado fidalgo para viver como pobre*.
- 4) **Passagens significativas da sua vida:**
 - a) Atribuíram-se-lhe vários **desterros**, entre os que destaca um desterro para **Ceuta** onde teria exercido de soldado e **perderia** o **olho direito**, uma perda que refere nos seus versos.
 - b) Atribuíram-se-lhe várias **relações amorosas**, entre as que destaca a que manteve com a **Infanta D. Maria**, irmã do rei D. Manuel I, a qual **inspiraria** alguns dos seus **textos**. Um exemplo é **“Perdigão perdeu a pena”**, umas redondilhas em que o perdigão, que é um auto-pseudónimo do autor, quer subir demasiado alto e tem um final trágico.
 - c) Conhece-se a sua passagem pela **cadeia** como consequência dum **conflito** com um **funcionário** da Corte. Esteve um ano em prisão e **saiu** depois de ser perdoado pelo rei e pelo agredido, mas com a **condição** de viajar para a **Índia** para servir a Coroa.
 - d) Na **Índia**:
 - Parece que sentiu uma grande **decepção** com Goa pela ambição dos portugueses, cidade que que literariamente chamaria **Babilónia** (terra de exílio dos israelitas) por considerá-la uma terra má e à que se refere com expressões negativas. Esta identificação da Índia com Babilónia baseia-se na composição **“Sóbolos rios que vão / de Babilónia a Sião”**.
 - Participou em várias **expedições marítimas** e numa delas Camões iria perde-lo tudo por causa duma tempestade nas proximidades da costa da Indochina. Segundo a lenda, nesta **tempestade**:
 - Morre uma moça chinesa com a que Camões teria uma relação amorosa e que baptizara literariamente como **Dinamene**. Pouco depois teria escrito os **sonetos elegíacos** dedicados a Dinamene.
 - Correu grande **risco** o **manuscrito** de ***Os Lusíadas*** (cujo primeiro canto teria sido redigido na Índia, segundo alguns biógrafos), que Camões teria salvado das águas.
 - e) Camões abandona a Índia e, com a ajuda económica das suas amígdas, vai para **Mocambique**, onde contrai cada vez mais **dívidas**.
 - f) Regressa de novo a **Lisboa**, parece que também com a ajuda económica dos seus amigos, um dos quais parece que foi João de Barros¹. Em Lisboa publica ***Os Lusíadas*** (1572) e consegue sobreviver com uma **tença anual** concedida pela Monarquia como reconhecimento ao seu serviço à pátria como soldado e escritor. Com tudo, Camões é apresentado pelos seus biógrafos como um homem **orgulhoso** e **insatisfeito**, contestatário com a falta de reconhecimento dos seus valores, tanto como homem de letras como de armas. Esta é uma interpretação tirada dos últimos versos de ***Os Lusíadas***, em que diz que silencia a sua voz porque não quer já mais cantar para *gente vil e desagradecida*.
 - g) Camões **morre** em **1580**, mas não temos dados exactos do que acontece com os seus restos, que parece que foram enterrados sob uma placa em que se lia *Aqui jaz Luís de Camões, príncipe de poetas, viveu pobre e miserável e assim morreu*. O **terramoto** de

¹ Entre as seis cartas conservadas de Camões há algumas dirigidas a João de Barros.

1755 arrasou o seu **sepulcro** e **hoje** os seus restos estão **presumivelmente** nos **Jerónimos** de Lisboa.

2. Obra

2.1. Lírica

A obra lírica de Camões só foi **publicada postumamente**, sob o título de *Rimas*². Crê-se que Camões teria projectado publicar a sua obra, que já estaria pronta num **manuscrito** sob o título de *Parnaso Lusitano*, mas este seria-lhe **roubado**.

Esta parte de obra de Camões apresenta, ainda na actualidade, muitos **problemas de edição** já que circulam muitas **variantes** dos textos, **textos atribuídos a Camões** que não são dele (de Diogo Bernardes, poemas do *Cancioneiro Geral*³) e textos **atribuídos a outros autores** que são em realidade de Camões. Deste modo, na actualidade não há **nenhuma edição aceite por toda a crítica** (algumas atribuem-lhe mais de mil textos, e outras menos de quinhentos). Com tudo, podemos citar as de:

- a) **Júlio da Costa Pimpão**;
- b) **Leodegário de Azevedo Filho**, edição muito diferente às tradicionais.

2.1.1. Obra lírica escrita na medida velha

São **mais de cem** composições ligadas à **lírica tradicional**, com um carácter mais folclórico e **desenfadado**. As suas principais características são:

- 1) **Temática lúdica** e brincalhona, ligada ao **galanteio** ou ao **humor** e à sátira.
- 2) **Estilo engenhoso**: exploração das possibilidades significativas da linguagem através de **jogos de palavras**. Frequentemente encontra no corpo da palavra um pretexto para desenvolver um discurso estabelecendo uma rede de nexos. Isto supõe uma **similitude** com o **Barroco** (Quevedo, Baltasar Gracián), razão pela que Camões é visto por muitos autores como um autor de **transição** para o Barroco (*maneirista*). Neste sentido destaca a exploração que faz da palavra *pena*:

Significado	Significante
1. pluma (das aves)	1. pena
2. instrumento da escrita	2. penar
3. mágoa	3. apenado
4. condena	4. depenado
5. rocha	5. ...

- 3) **Estrofes**:
 - a) **Cantiga** (mote + glosa).
 - b) **Vilancete** (mote + glosa).
 - c) **Trova**: estrofes dum número indeterminado de versos que não estão sujeitos a nenhum mote.

² Bocage publicaria uma obra com o mesmo título pela admiração que sentia por Camões.

³ Publicado em 1516, antes do nascimento de Camões.

Composição	Comentário
<p>Perdígão perdeu a pena Não há mal que lhe não venha.</p> <p>Perdígão que o pensamento Subiu a um alto lugar, Perde a pena do voar, Ganha a pena do tormento. Não tem no ar nem no vento Asas com que se sustenha: Não há mal que lhe não venha.</p> <p>Quis voar a ãa alta torre, Mas achou-se desasado; E, vendo-se depenado, De puro penado morre. Se a queixumes se socorre, Lança no fogo mais lenha: Não há mal que lhe não venha.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Interpretações sobre o contido: <ul style="list-style-type: none"> → Didáctica: quem muito aspira corre o risco de cair, e a queda será muito dolorosa. → Biografista: alusão autobiográfica de Camões sobre o seu amor com a Infanta D. Maria, irmã do rei D. Manuel I, que seria um sonho demasiado alto. - Forma: cantiga composta de mote e glosa. - Estilo engenhoso no uso da palavra pena: <ul style="list-style-type: none"> → Pluma: <i>perde a pena do voar</i> (verso 6) → Condena: <i>ganha a pena do tormento</i> (verso 7) → Repetição paralelística (<i>perde a pena do voar / ganha a pena do tormento</i>) e jogo com o significante (<i>pena, penado</i>).
<p>Endechas a Bárbara escrava</p> <p>Aquela cativa Que me tem cativo, Porque nela vivo Já não quer que viva. Eu nunca vi rosa Em suaves molhos, Que pera meus olhos Fosse mais fermosa.</p> <p>Nem no campo flores, Nem no céu estrelas Me parecem belas Como os meus amores. Rosto singular, Olhos sossegados, Pretos e cansados, Mas não de matar.</p> <p>U~a graça viva, Que neles lhe mora, Pera ser senhora De quem é cativa. Pretos os cabelos, Onde o povo vão Perde opinião Que os louros são belos.</p> <p>Pretidão de Amor, Tão doce a figura, Que a neve lhe jura Que trocara a cor. Leda mansidão, Que o siso acompanha; Bem parece estranha, Mas bárbara não.</p> <p>Presença serena Que a tormenta amansa; Nela, enfim, descansa Toda a minha pena. Esta é a cativa Que me tem cativo; E, pois nela vivo, É força que viva.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Temática amorosa, que faz referência ao amor que o autor sentiria por uma escrava. - Forma: cinco trovas de 8 versos. - Estilo engenhoso: <ul style="list-style-type: none"> → Cativa / cativo: <ul style="list-style-type: none"> ~ Cativa socialmente (escrava); ~ Cativo psicologicamente pela paixão. → Viver: <ul style="list-style-type: none"> ~ Viver do ponto de vista físico: <i>já não quer que viva</i>. ~ Viver do ponto de vista psicológico: <i>porque em ela vivo</i>. → Senhora vs. cativa: <ul style="list-style-type: none"> ~ Senhora do ponto de vista psicológico. ~ Cativa do ponto de vista social. → Estranha vs. bárbara: <ul style="list-style-type: none"> ~ Bárbara como estranha e também como incivilizada. A crítica biografista interpreta esta forma com dissimilação vocálica como um pseudónimo de Bárbara⁴. ~ Estranha como desconhecida em oposição a <i>bárbara</i> como incivilizada. → Pena (verso 36): com o significado de <ul style="list-style-type: none"> ~ instrumento da escrita, ~ condena, ~ dor, tristeza. - É uma composição muito singular porque se elogia uma mulher preta, o que se afasta do cânone da época. Porém, isto faz-se na medida velha, pelo que não é um facto tão estranho (seria impensável na medida nova).

⁴ Da que se disse que foi uma vendedora mulata que o mantinha (Faria e Sousa); uma bailarina índia (Teófilo Braga); uma cozinheira (Carolina Michaëlis); simplesmente uma mulher morena à que Camões chama preta de modo carinhoso.

<p>MOTE</p> <p>Descalça vai pera a fonte Lianor, pela verdura; vai fermosa e não segura.</p> <p>VOLTA</p> <p>Leva na cabeça o pote, o testo nas mãos de prata, cinta de fina escarlata, sainho de chamalote; traz a vasquinha de cote, mais branca que a neve pura; vai fermosa e não segura.</p> <p>Descobre a touca a garganta, cabelos d' ouro o trançado, fita de cor d' encarnado... Tão linda que o mundo espanta! Chove nela graça tanta que dá graça à fermosura: vai fermosa, e não segura.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Temática: elogio dum a moça à maneira de <i>descriptio puellae</i>. É uma descrição plástica (alusão a cores, tecidos, penteados, ornamentação, pela mais branca que a neve pura...) - É interpretada coma a primeira composição dum a trilogia em que Camões comentaria os três estados da paixão. Este primeiro estado seria o da liberdade, mas com o risco de ficar nas garras da paixão (<i>vai fermosa e não segura</i>). - É uma composição ligada ao folclore e à tradição (fonte).
<p>MOTE SEU</p> <p>Descalça vai pola neve. . . Assi faz quem Amor serve.</p> <p>VOLTAS</p> <p>Os privilégios que os reis não podem dar, pode Amor, que faz qualquer amador livre das humanas leis. Mortes e guerras cruéis, ferro, frio, fogo e neve, tudo sofre quem o serve.</p> <p>Moça fermosa despreza todo o frio e toda a dor. Olhai quanto pode Amor mais que a própria natureza: medo nem delicadeza lhe impede que passe a neve. Assi faz quem Amor serve.</p> <p>Por mais trabalhos que leve, a tudo se ofreceria; passa pela neve fria mais alva que a própria neve; com todo o frio se atreve... Vede em que fogo ferve o triste que o Amor serve.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - É interpretada como a segunda composição da trilogia, em que se desenvolve a segunda fase da paixão amorosa: vivência do enamoramento e o cativeiro que supõe. Canta-se ao serviço amoroso, mais poderoso do que qualquer lei humana (compara-se com o serviço ao rei ou à guerra). - Forma: mote (de autoria colectiva) + glosa. - Metáforas recorrentes em Camões: neve (<i>brancura</i>) e fogo (<i>amor</i>). - Ligação com a tradição: pé descalço e erotismo.
<p>CANTIGAS ALHEIAS</p> <p>Na fonte está Lianor lavando a talha e chorando, às amigas perguntando: «Vistes lá o meu amor?»</p> <p>VOLTAS DO CAMÕES</p> <p>Posto o pensamento nele, porque a tudo o Amor a obriga, cantava; mas a cantiga eram suspiros por ele. Nisto estava Lianor o seu desejo enganando, às amigas perguntando: Vistes lá o meu amor?</p> <p>O rosto sobre ùa mão, os olhos no chão pregados, que, do chorar já cansados, algum descanso lhe dão. Desta sorte Lianor suspende de quando em quando sua dor; e, em si tornando, mais pesada sente a dor.</p> <p>Não deita dos olhos água, que não quer que a dor se abrande Amor; porque, em mágoa grande, seca as lágrimas a mágoa. Que depois de seu amor soube novas perguntando, d' improviso a ví chorando. Olhai que extremos de dor!</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Terceira fase da paixão: desengano e desilusão. - Intertextualidade com a lírica tradicional (<i>às amigas perguntando: "vistes lá o meu amor?"</i>). - Expressão do amor de maneira hiperbólica (<i>olhai que extremos de dor!</i>) e referência ao choro como um alívio.

- **Assunto grave**, a diferença das outras composições em redondilhas, como nas composições em **medida nova**.
- Composição inspirada no **Salmo 136** da **Bíblia** de modo bastante fiel. Neste Salmo narra-se o **exílio** dos **israelitas** que têm de abandonar Sião e fugir a Babilónia.
- **Contraposição de dois cronotopos**:

Sião (Hierusalém)	Babilónia
<i>passado feliz</i>	<i>presente triste</i>
<i>origem</i>	<i>exílio</i>
<i>bem</i>	<i>mal</i>

- **Temas**:
 - **MUDANÇA OU MUTAÇÃO**, sempre **para pior**, um tema recorrente na obra de Camões e na Renascença em geral.
 - **FORTUNA**: *ventura* (verso 136).
 - **FAMA**, mais **poderosa** do que a morte (*barões assinalados de Os Lusíadas*).
 - **SAUDADE** da terra de **origem**, enfatizada mediante **imagens violentas** (versos 190 e 191: *a voz, quando a mover, / se me congele no peito.*) que lembram a do soneto **O dia em que eu naci moura a pereça**.

*O dia em que eu naci moura e pereça,
não o queira jamais o tempo dar;
não torne mais ao mundo e, se tornar,
eclipse nesse passo o sol padeça.*

*A luz lhe falte, o sol se [lhe] escureça,
mostre o mundo sinal de acabar,
naçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
a mãe ao próprio filho não conheça.*

*As pessoas pasmadas de ignorantes,
as lágrimas no rosto, a cor perdida,
cuidem que o mundo já se destruiu.*

*Ó gente temerosa, não te espantes,
que este dia deitou ao mundo a vida
mais desgraçada que jamais se viu!*

- **MEMÓRIA** que, sob a **filosofia platónica** é o registo ou conservação passiva das vivências experimentadas anteriormente. Está relacionada com o conceito de **REMINSÊNCIAS**, as ideias contempladas na vida anterior (**mito da caverna**: versos 236 - 250).
- **CRUZAMENTO** entre a **TEORIA PLATÓNICA** e o **CRISTIANISMO**.
- **Mímese** dum **soneto de Boscán** (versos 114 - 115), que marca a intertextualidade com o **dolce stil nuovo**.
- **Arte de engenho** ou estilo engenhoso: jogos com a palavra **pena** (versos 169, 175, etc.)
- **Reflexões metaliterárias**:
 - Referência a **ABANDONAR A LIRA** nos ramos dos salgueiros, o que parece remeter a um abandono da **escrita** ou ao abandono do **tom brincalhão** por um tom mais grave.
 - **REFERÊNCIAS AO LEITOR**, que também são frequentes nos seus **sonetos - prólogo**
- **Interpretação biográfica**:
 - Interpretação do tema da **MUDANÇA** como a **lembrança** da sua própria **mocidade**, o que contrasta com o que se diz nos versos 101 - 110.
 - Interpretação da oposição **SIÃO VS. BABILÓNIA** como equivalente à oposição **PORTUGAL VS. ÍNDIA**.
 - Interpretação simbólica do **número de versos** (365) como um **PERCURSO BIOGRÁFICO** (um ano).

“Sobolos rios que vão”

2.1.2. Obra lírica escrita na medida nova

- 1) **Seguimento do modelo petrarquista**, mesmo fazendo **traduções** quase literária ou introduzindo versos **em italiano**.
- 2) **Dois blocos temáticos**:
 - a) **Amor**:
 - É fonte de **tensões** e **contradições**:
 - Entre o amor sexual e o espiritual (neoplatonismo).
 - Entre o desejo e a insatisfação do desse desejo.
 - Apresentação da **amada como um ser virtual**, descrita segundo os cânones estabelecidos por **Petrarca** para cantar a **Laura** nas suas **Rime**. É uma **mulher-ideia**, intangível, distante, que representa a imagem da **Beleza** e **produz sofrimento** no coração do poeta.
 - b) **Destino** (*Fortuna, ventura, sorte*), apresentado sempre dum ponto de vista **negativo**:
 - É o máximo **responsável da vida do poeta**, mas também pode compartilhar essa responsabilidade com os seus próprios **actos**:

Erros meus, má fortuna, amor ardente
Em minha perdição se conjuraram;
Os erros e a fortuna sobejaram,
Que pera mim bastava amor somente.

Tudo passei; mas tenho tão presente
A grande dor das cousas que
passaram,
Que as magoadas iras me ensinaram
A não querer já nunca ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos;
Dei causa [a] que a Fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganos.
Oh! quem tanto pudesse, que fartasse
Este meu duro Génio de vinganças!

- Está ligado ao **tempo**, que implica **mudança** (metáfora do rio).

Composição	Comentário
<p><i>Enquanto quis Fortuna que tivesse esperança de algum contentamento, o gosto de um suave pensamento me fez que seus efeitos escrevesse.</i></p> <p><i>Porém, temendo Amor que aviso desse minha escritura a algum juízo isento, escureceu-me o engenho co'o tormento, para que seus enganos não dissesse.</i></p> <p><i>Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos a diversas vontades! Quando lerdas num breve livro casos tão diversos,</i></p> <p><i>verdades puras são e não defeitos; e sabeí que, segundo o amor tiverdes, tereis o entendimento de meus versos.</i></p>	<p>Soneto – prólogo em que Camões apresenta a sua obra literária:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Referências ao processo da comunicação literária: <ul style="list-style-type: none"> → Mensagem amorosa. → Autor como agente da escrita (<i>escrevesse</i>). → Destinatário: <i>Ó Vós [...] quando lerdas</i>. - Humilidas: <i>escureceu-me o engenho, breve livro</i>. - Poema egotista. Camões insiste em que ele canta verdades puras, não defeitos (erros). - Apresentação de temas recorrentes da sua lírica: <ul style="list-style-type: none"> → Fortuna: <i>Enquanto quis Fortuna que tivesse</i>. → Passagem do tempo, ligada à Fortuna, que é sempre para pior. Assim, contrapõe-se o passado (tempo de esperança) com o presente (tempo de desengano).
<p><i>Eu cantarei de amor tão docemente, Por uns termos em si tão concertados, Que dous mil acidentés namorados Faça sentir ao peito que não sente.</i></p> <p><i>Farei que o amor a todos avivente, Pintando mil segredos delicados, Brandas iras, suspiros magoados, Temerosa ousadia e pena ausente.</i></p> <p><i>Também, Senhora, do desprezo honesto De vossa vista branda e rigorosa, Contentar-me-ei dizendo a menor parte.</i></p> <p><i>Porém, para cantar de vosso gesto A composição alta e milagrosa, Aqui falta saber, engenho e arte.</i></p>	<p>Soneto – prólogo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Processo de comunicação literária: <ul style="list-style-type: none"> → Mensagem amorosa: <i>cantarei de amor</i>. → Autor: <i>Eu cantarei</i>. → Destinatário: <i>Faça sentir ao peito que não sente / Farei que o amor a todos avivente</i>. - Temas recorrentes: <ul style="list-style-type: none"> → Amor e os seus efeitos contraditórios: <i>Brandas iras, suspiros magoados, / temerosa ousadia e pena ausente</i>. → Imagem da mulher: senhora protótipo do amor cortês e da literatura petrarquista. É uma mulher esquiva e doce ao mesmo tempo (<i>desprezo honesto [...] vista branda e rigorosa</i>), intangível, superior ao poeta e de qualidades inefáveis (<i>contentar-me-ei dizendo a menor parte</i>), descrita só do ponto de vista psicológico.

	<ul style="list-style-type: none"> - Humilidas, usada para sublinhar a grandeza da mulher: <i>aqui falta saber, engenho e arte.</i>
<p><i>Amor é fogo que arde sem se ver; É ferida que dói e não se sente; É um contentamento descontente; É dor que desatina sem doer;</i></p> <p><i>É um não querer mais que bem querer; É solitário andar por entre a gente; É nunca contentar-se de contente; É cuidar que se ganha em se perder;</i></p> <p><i>É querer estar preso por vontade; É servir a quem vence, o vencedor; É ter com quem nos mata lealdade.</i></p> <p><i>Mas como causar pode seu favor Nos corações humanos amizade, Se tão contrário a si é o mesmo Amor?</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Definição poética do conceito de amor <ul style="list-style-type: none"> → Que se estabelece em termos dialécticos a partir da oposição entre a dor e a felicidade que produz. → Mas, ao ser um conceito paradoxal, há também uma vontade de unificar as ideias do discurso através da palavra <i>amor</i> (com a que começa e termina o poema). - Forma: <ul style="list-style-type: none"> → Forma circular (o poema começa e termina com a mesma palavra) e cheia de paralelismos (anáfora). → Também seria possível assinalar uma forma antitética, já que o último terceto é introduzido com a partícula adversativa <i>mas</i>. <p>É uma definição baseada no paradoxo, tanto no contido como na forma, já que o amor, apesar dos seus efeitos negativos, é quem de unir corações, pelo que é um conceito paradoxal.</p>
<p><i>Um mover d'olhos, brando e piedoso, sem ver de quê; um riso brando e honesto, quase forçado; um doce e humilde gesto, de qualquer alegria duvidoso;</i></p> <p><i>um despejo quieto e vergonhoso; um repouso gravissimo e modesto; uma pura bondade, manifesto indício da alma, limpo e gracioso;</i></p> <p><i>um encolhido ousar, uma brandura; um medo sem ter culpa; um ar sereno; um longo e obediente sofrimento:</i></p> <p><i>esta foi a celeste formosura da minha Circe, e o mágico veneno que pôde transformar meu pensamento.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Definição duma mulher – ideia (descriptio puellae), da que só faz uma descrição psicológica e, no caso de ser física, tem de ser seguindo os cânones da época. É uma mulher intangível, superior ao poeta (celeste formosura) e também contraditória (encolhido ousar, medo sem ter culpa). - Referências mitológicas: Circe, feiticeira da Odisseia, uma obra que Camões conhece muito bem. - Inspiração em Petrarca.
<p><i>Pede o desejo, Dama, que vos veja; Não entende o que pede; está enganado. É este amor tão fino e tão delgado, Que, quem o tem, não sabe o que deseja.</i></p> <p><i>Não há coisa, a qual natural seja, Que não queira perpétuo o seu estado; Não quer logo o desejo o desejado, Por que não falte nunca onde sobeja.</i></p> <p><i>Mas este puro afeito em mim se dana; Que, como a grave pedra tem por arte O centro desejar da Natureza,</i></p> <p><i>Assi o pensamento, pela parte Que vai tomar de mim, terrestre, humana, Foi, Senhora, pedir esta baixeza.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Contradições do amor: desejo vs. razão: - Estrutura antitética, já que primeiro pede e justifica o desejo (qualificando-o como uma lei natural, igual do que a lei da gravidade), mas afinal considera-o uma baixeza (influencia da teoria neoplatónica)
<p><i>Transforma-se o amador na coisa amada, Por virtude do muito imaginar; Não tenho, logo, mais que desejar, Pois em mim tenho a parte desejada.</i></p> <p><i>Se nela está minha alma transformada, Que mais deseja o corpo de alcançar? Em si somente pode descansar, Pois consigo tal alma está ligada.</i></p> <p><i>Mas esta linda e pura semidéia, Que, como o acidente em seu sujeito, Assim com a alma minha se conforma,</i></p> <p><i>Está no pensamento como idéia; E o vivo e puro amor de que sou feito, Como a matéria simples, busca a forma.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Temática amorosa, desenvolvendo o motivo da transformação do amador na coisa amada (neoplatonismo). É um motivo que já estava presente no <i>Cancioneiro Geral</i>, mas que se desenvolve agora na Renascença. - Inspiração em Petrarca (<i>imitatio</i>). - Estrutura antitética: <i>corpo vs. alma, acidente vs. sujeito, matéria vs. forma.</i> - Intertextualidade com outros textos dele e doutros autores renascentistas.
<p><i>Presença bela, angélica figura, Em quem, quanto o Céu tinha, nos tem dado; Gesto alegre, de rosas semeado, Entre as quais se está rindo a Formosura;</i></p> <p><i>Olhos, onde tem feito tal mistura Em cristal branco e preto marchetado, Que vemos já no verde delicado Não esperança, mas enveja escura;</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Descrição da mulher – ideia, introduzindo a figura da mulher – anjo.

<p><i>Brandura, aviso e graça que, aumentando A natural beleza c'um desprezo Com que, mais desprezada, mais se aumenta;</i></p> <p><i>São as prisões de um coração que, preso, Seu mal ao som dos ferros vai cantando, Como faz a sereia na tormenta.</i></p>	
<p><i>Alma minha gentil, que te partiste Tão cedo desta vida, descontente, Repousa lá no Céu eternamente E viva eu cá na terra sempre triste.</i></p> <p><i>Se lá no assento etéreo, onde subiste, Memória desta vida se consente, Não te esqueças daquele amor ardente Que já nos olhos meus tão puro viste.</i></p> <p><i>E se vires que pode merecer-te Algu-a coisa a dor que me ficou Da mágoa, sem remédio, de perder-te,</i></p> <p><i>Roga a Deus, que teus anos encurtou, Que tão cedo de cá me leve a ver-te, Quão cedo de meus olhos te levou.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Soneto pertencente ao ciclo de Dinamene, que a crítica biografista identificou com uma moça chinesa que teria afogado no mesmo naufrágio em que Camões quase perde os Lusíadas. Dinamene é muito recorrente no século XVI e é de origem clássica, já que é o nome duma ninfa. - Tom elegíaco, em relação com a teoria neoplatónica da morte como volta às origens. Também se faz referência ao conceito neoplatónico da memória. - Influência de Petrarca (<i>imitatio</i>, versos iniciais). - Estrutura dialéctica: céu vs. terra.
<p><i>Ah, minha Dinamene assi deixaste Quem não deixara nunca de querer-te! Ah, Ninfa minha, já não posso ver-te, Tão asinha esta vida desprezaste!</i></p> <p><i>Como já para sempre te apartaste De quem tão longe estava de perder-te? Puderam estas ondas defender-te Que não visses quem tanto magoaste?</i></p> <p><i>Nem falar-te somente a dura Morte Me deixou, que tão cedo o negro manto Em teus olhos deitado consentiste!</i></p> <p><i>Ó mar! Ó céu! Ó minha escura sorte! Qual pena sentirei, que valha tanto, Que ainda tenho por pouco o viver triste?</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ciclo de Dinamene. - Fortuna: sorte (verso 12) - Tom elegíaco. - Aparece a palavra pena (verso 13), mas não há aqui um jogo de palavras (é mais frequente nas redondilhas).
<p><i>O céu, a terra, o vento sossegado... As ondas, que se estendem pela areia... Os peixes, que no mar o sono enfreia... O nocturno silêncio repousado...</i></p> <p><i>O pescador Aónio, que, deitado Onde co vento a água se meneia, Chorando, o nome amado em vão nomeia, Que não pode ser mais que nomeado:</i></p> <p><i>— Ondas — dezia — antes que Amor me mate, Tornai-me a minha Ninfa, que tão cedo Me fizestes à morte estar sujeita.</i></p> <p><i>Ninguém lhe fala; o mar de longe bate; Move-se brandamente o arvoredor; Leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ciclo de Dinamene. - O autor transveste-se no pescador Aónio e chora a morte da sua ninfa.
<p><i>Eu cantei já, e agora vou chorando O tempo que cantei tão confiado; Parece que no canto já passado Se estavam minhas lágrimas criando.</i></p> <p><i>Cantei: mas se me alguém pergunta "quando": Não sei, que também fui nisso enganado. E tão triste este meu presente estado Que o passado por ledor estou julgando.</i></p> <p><i>Fizeram-me cantar, manhosamente, Contentamentos não, mas confianças; Cantava, mas já era ao som dos ferros.</i></p> <p><i>De quem me queixarei, se tudo mente? Mas eu que culpa ponho às esperanças</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Composição metaliterária que poderia ser qualificada de soneto – epílogo, já que o autor diz <i>Eu cantei já</i> (vs. <i>Eu cantarei de amor tão docemente</i>) - Mudança, sempre para pior, acompanhada dum discurso disfórico (<i>chorando, triste...</i>) - Responsabilidade compartilhada entre a Fortuna e os erros dele, mas a Fortuna é mais culpável das desgraças do poeta. Em relação a isto apresenta intertextualidade com Erros meus, má Fortuna.

<p>Onde a Fortuna injusta é mais que os erros?</p>	
<p><i>Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, Muda-se o ser, muda-se a confiança; Todo o mundo é composto de mudança, Tomando sempre novas qualidades.</i></p> <p><i>Continuamente vemos novidades, Diferentes em tudo da esperança; Do mal ficam as mágoas na lembrança, E do bem, se algum houve, as saudades.</i></p> <p><i>O tempo cobre o chão de verde manto, Que já coberto foi de neve fria, E em mim converte em choro o doce canto.</i></p> <p><i>E, afora este mudar-se cada dia, Outra mudança faz de mor espanto: Que não se muda já como soía.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Mudança para pior, apresentada como uma lei universal (<i>todo o mundo é composto de mudança</i>). - Passagem do tempo na natureza (estações do ano) e no homem, que termina com a morte (<i>E, afora este mudar-se cada dia, / outra mudança faz de mor espanto: / que não se muda já como soía.</i>) - Referência metaliterária: <i>em mim converte em choro o doce canto.</i>
<p><i>Oh, como se me alonga, de ano em ano, A peregrinação cansada minha! Como se encurta, e como ao fim caminha Este meu breve e vão discurso humano!</i></p> <p><i>Vai-se gastando a idade e cresce o dano; Perde-se-me um remédio, que inda tinha; Se por experiência se adivinha, Qualquer grande esperança é grande engano.</i></p> <p><i>Corro após este bem que não se alcança; No meio do caminho me falece, Mil vezes caio, e perco a confiança.</i></p> <p><i>Quando ele foge, eu tardo; e, na tardança, Se os olhos ergo a ver se inda parece, Da vista se me perde e da esperança.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Passagem do tempo (<i>peregrinação</i>) e mudança para pior, que leva à perda da confiança. - Referência metaliterária: <i>este meu breve e vão discurso humano!</i> (discurso = percurso vital e também processo da escrita).
<p><i>Cá nesta Babilónia, donde mana Matéria a quanto mal o mundo cria; Cá donde o puro Amor não tem valia, Que a Mãe, que manda mais, tudo profana;</i></p> <p><i>Cá, onde o mal se afina e o bem se dana, E pode mais que a honra a tirania; Cá, onde a errada e cega Monarquia Cuida que um nome vão a desengana;</i></p> <p><i>Cá, neste labirinto, onde a nobreza, Com esforço e saber pedindo vão As portas da cobiça e da vileza;</i></p> <p><i>Cá neste escuro caos de confusão, Cumprindo o curso estou da natureza. Vê se me esquecerei de ti, Sião!</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Intertextualidade con Sobolos rios que vão.
<p><i>O dia em que eu naci moura e pereça não o queira jamais o tempo dar; não torne mais ao mundo e, se tornar, eclipse nesse passo o Sol padeça.</i></p> <p><i>A luz lhe falte, o Céu se lhe escureça, mostre o mundo sinais de se acabar, nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar, a mãe ao próprio filho não conheça.</i></p> <p><i>As pessoas, pasmadas de ignorantes, as lágrimas no rosto, a cor perdida, cuidem que o mundo já se destruiu.</i></p> <p><i>Ó gente temerosa, não te espantes, que este dia deitou ao mundo a vida mais desaventurada que se viu.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Soneto apocalíptico. - Referências bíblicas: Apocalipse e base no Livro de Job. O poeta, a diferença de Job, perde a confiança. - Imagens violentas (<i>sangue chova o ar</i>). - Hipérbole. - Referência ao leitor futuro (<i>ó gente temerosa</i>).
<p><i>Erros meus, má fortuna, amor ardente Em minha perdição se conjuraram; Os erros e a fortuna sobejaram,</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Responsabilidade compartilhada entre a Fortuna e os próprios erros.

<p>Que pera mim bastava amor somente.</p> <p><i>Tudo passei; mas tenho tão presente A grande dor das cousas que passaram, Que as magoadas iras me ensinaram A não querer já nunca ser contente.</i></p> <p><i>Errei todo o discurso de meus anos; Dei causa [a] que a Fortuna castigasse As minhas mal fundadas esperanças.</i></p> <p><i>De amor não vi senão breves enganar. Oh! quem tanto pudesse, que fartasse Este meu duro Génio de vinganças!</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Temática amorosa. - Discurso disfórico. - Passagem do tempo: <i>Tudo passei; mas tenho tão presente / A grande dor das cousas que passaram, / Que as magoadas iras me ensinaram / A não querer já nunca ser contente.</i>
<p><i>Dizei, Senhora, da Beleza ideia: Para fazerdes esse áureo crino, Onde fostes buscar esse ouro fino? De que escondida mina ou de que veia?</i></p> <p><i>Dos vossos olhos essa luz febeia, Esse respeito, de um império dino? Se o alcançastes com saber divino, Se com encantamentos de Medeia?</i></p> <p><i>De que escondidas conchas escolhestes As perlas preciosas orientais Que, falando, mostrais no doce riso?</i></p> <p><i>Pois vos formastes tal como quisestes, Vigiai-vos de vós, não vos vejais; Fugi das fontes: lembre-vos Narciso.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Descriptio puellae: mulher – ideia, da que se dá uma descrição física, mas baseada nos cânones da época. - Referências mitológicas: luz febeia, Narciso, Medeia.
<p><i>Verdade, Amor, Razão, Merecimento Qualquer alma farão segura e forte; Porém, Fortuna, Caso, Tempo e Sorte Têm do confuso mundo o regimento.</i></p> <p><i>Efeitos mil revolve o pensamento, E não sabe a que causa se reporte; Mas sabe que o que é mais que vida e morte, Que não o alcança o humano entendimento.</i></p> <p><i>Doutos varões darão razões subidas; Mas são experiências mais provadas, E por isso é melhor ter muito visto.</i></p> <p><i>Cousas há i que passam sem ser cridas E cousas cridas há sem ser passadas... Mas o melhor de tudo é crer em Cristo.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estrutura dialéctica: <i>verdade, amor, razão e merecimento vs. fortuna, caso, tempo e sorte.</i> São os últimos os que realmente regem o mundo. - Presença da fé em Deus (<i>mas o melhor de tudo é crer em Cristo</i>), algo muito pouco frequente em Camões, ainda que também podemos encontrar isto em Sobolos rios que vão.
<p>Canção X: “Vinde cá, meu tão certo secretário”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estrutura das canções: <ul style="list-style-type: none"> → Texto da composição. → Envio, estrofe de pequena extensão que contém um apelo à canção. É dizer, são composições metaliterárias. - Contido: o autor dirige-se ao papel nos primeiros versos, personificado na figura do secretário (quem guarda os segretos). Poderia ser considerada como uma canção – epílogo. - Estilo engenhoso (palavra pena).

2.2. Épica

A) O género da epopeia

- 1) **Definição:** a epopeia é uma **composição narrativa** de carácter **histórico** em que se reflectem diferentes aspectos dum **povo** através das aventuras dalguns **heróis**. Normalmente está protagonizada por um herói central.
- 2) **História da epopeia:**
 - a) **Literatura grega:** a **Odisseia** de **Homero** apresenta o protótipo de herói épico, **Ulisses**, e a partir desta obra desenvolver-se-ia o género épico.
 - b) **Literatura latina:** **imita** o modelo da **Odisseia**, e a obra mais importante é a **Eneida** de **Virgílio**, que recolhe as aventuras de **Eneias** e a convenção das lutas entre deuses.

- c) **Renascença**: as obras épicas mais importantes são:
- **Orlando furioso**, de **Ariosto** (narrativa cavaleiresca).
 - **Orlando enamorado**, de **Boiardo** (narrativa cavaleiresca).
 - **Jerusalém libertada**, de **Torquato Tasso** (épica que elogia a história cristã servindo-se do motivo das cruzadas).

B) A epopeia em Portugal

Desde o século XV há **chamamentos** para a elaboração dum poema épico em Portugal sobre as descobertas. Por exemplo:

- 1) **Cancioneiro Geral**.
- 2) **Poemas lusitanos** de **António Ferreira**.

C) Os Lusíadas (1572)

- 1) **Título**: supõe uma declaração de princípios, já que lusíadas é um **neologismo** criado pelo humanista **André de Resende** que designa os **portugueses**, os **filhos** do deus **Luso** (propriedades semidivinas).
- 2) **Personagens**:
 - a) O protagonista da obra é o **povo português**, que é apresentado através das façanhas de **Vasco da Gama** na sua viagem do Restelo a Calecut.
 - b) A obra também apresenta as lutas entre **deuses mitológicos**, uma convenção do género. Assim, **Baco** apresenta-se como inimigo dos portugueses, **Vénus** como a sua protectora e **Júpiter** como moderador. Isto introduz um elemento **sobrenatural**, importante sobre tudo no Canto IX.
- 3) **Acções**: a **viagem de Vasco da Gama** é o fio condutor, já que através dela conta-se toda a **história de Portugal** desde a fundação de Lisboa até o momento em que Camões está com a pena na mão a escrever *Os Lusíadas*. Para isto relatam-se histórias de modo **retrospectivo** e **prospectivo** (mediante as personagens sobrenaturais, como Adamastor). Encontramos assim um entrecruzamento de planos:

Viagem	História de Portugal	Deuses	Intervenções do poeta
Estrofe 19: apresenta os portugueses navegando , pelo que supões um começo in medias res.	Inês de Castro , apresentada como rainha depois de morta e focalizando sobre tudo o amor, não os elementos políticos (como António Ferreira).		Estrofes 1 – 18: Proposição : diz que vai cantar ao peito ilustre lusitano. Os primeiros versos são uma tradução de Virgílio (arma virumque cano). Invocação às musas portuguesas, que denomina Tágides / Tégides. Dedicatória ao rei D. Sebastião quando ainda é muito jovem, já que vê nele a grande esperança de Portugal.
Velho do Restelo , apresentado como uma pessoa sábia que lança um discurso aparentemente contra as descobertas, mas que também pode ser interpretado como um elogio dos portugueses.	Ilha dos amores : ilha portátil à que chegam os portugueses na sua viagem de regresso. Apresenta-se acompanhada dum discurso carregado de lirismo e também de erotismo (Canto IX).		
Adamastor : personagem que aparece na viagem como uma visão sobrenatural, mas que também faz referências ao futuro dos portugueses. Tem uma dupla face: <ol style="list-style-type: none"> 1. Lírica: está apaixonado de Tetis. 2. Monstruosa: é a personificação do Cabo das Tormentas. 			